



7º Simpósio de Ensino de Graduação

BOCHA ADAPTADA: PRÁTICA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Autor(es)

JOSE ROBERTO DE MOURA

Co-Autor(es)

JANAINA MARIA TORTORELLI
JEFFERSON ARAGÃO

Orientador(es)

ELINE PORTO

1. Introdução

Este trabalho foi elaborado como requisito de avaliação da disciplina Atividade Motora Adaptada, do 5º semestre, do curso de Educação Física – Licenciatura, conduzida pela professora Dr^a Eline T.Rozante Porto. Após apresentação do conteúdo da disciplina, despertou no grupo a curiosidade e o interesse em pesquisar e se aprofundar nesta modalidade Bocha Adaptada. O jogo de bocha representa um dos esportes mais desafiadores e de significativo crescimento em todo o mundo, principalmente, por ser uma modalidade direcionada a pessoas que apresentam um quadro severo de disfunção motora, propiciando uma verdadeira condição de inclusão e igualdade de participação com outros alunos sem deficiência (CAMPEÃO, 2003). As vertentes deste jogo vão do lazer e recreação ao mais alto nível de competição e está, neste âmbito, reconhecido pelas entidades oficiais de nível mundial, elegendo-o como desporto paraolímpico.

2. Objetivos

O intuito do trabalho foi mostrar aos discentes do 5º semestre a possível aplicabilidade deste esporte para pessoas com deficiência física em alunos do ensino regular, bem como adquirir conhecimento através de pesquisas realizadas na biblioteca da Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, campus taquaral, e sites oficiais relacionados ao esporte adaptado.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi desenvolvido em grupo a partir da pesquisa bibliográfica realizada em livros da biblioteca da Unimep e sites oficiais, sendo a teoria apresentada de forma oral pelos alunos do grupo para os demais alunos da turma. A apresentação da parte teórica ocorreu em sala de aula, com exposição de slides, e a parte prática aconteceu na sala de ginástica do Bloco 11 do Campus Taquaral da UNIMEP, onde houve adaptações para uma sala fechada, diferente de uma quadra preparada para o esporte, o grupo organizou a sala antecipadamente, com fitas adesivas, cadeiras da própria sala de aula, as bolas, que foram confeccionadas pelo grupo, com bolinhas de tênis, abertas e cheias de areia (ou terra) logo em seguida envolvidas em bexigas nas cores oficiais, também confeccionamos nossa calha (ou rampa) com madeira. Especificaremos aqui algumas das principais regras da modalidade, lembrando que – para um trabalho educacional, ou seja, dentro do âmbito escolar – torna-se fundamental a sua aplicação, porém esta (regras mais específicas) deve ocorrer num segundo momento, pois colocada em primeira instância pode cercear o pensamento criativo e o teor lúdico que todo esporte deve oferecer. Para aplicabilidade de regras é necessário que o aluno primeiramente assimile o conteúdo cognitivo; em seguida, possa encontrar uma adaptação adequada à sua condição motora e, por fim, tenha domínio motor de habilidades específicas de lançamento, arremesso, movimentos relativos à calha etc. Esta primeira etapa, sem regras rígidas, pode possibilitar experiências de sucesso, motivando o aluno a continuar tendo desafios mais complexos. Os atletas são classificados em 4 classes distintas, chamadas de BC1, BC2, BC3 e BC4, o termo BC significa, Boccia Classification (Classificação da Bocha) e suas numerações referem-se a um determinado grau de comprometimento motor por parte do aluno. As classes BC1 e BC2 são estritamente designadas para praticantes com paralisia cerebral. Pessoas com um mínimo de movimento (ex. apenas movimentos do pescoço) podem jogar na classe BC3 com o auxílio de uma rampa, para arremessar a bola. Nesta classe os jogadores são assistidos por outra pessoa, denominada de calheiro e que esta pessoa não pode falar com o atleta nem olhar as jogadas. O calheiro é um instrumento do atleta. Até 1992, na Paraolimpíada de Barcelona a bocha era disputada em duas classes: C1 e C2; já em 1996, em Atlanta, foi incluída uma nova classe chamada C1wad, uma classe intermediária para pessoas com paralisia cerebral mais severa. Somente em 2000, Sydney, as classes passaram a ter a denominação de BC, sendo que as disputas incluíram atletas até a classe BC3. Finalmente em 2004, Atenas estreou a classe BC4, voltada para os não portadores de paralisia cerebral (OLIVEIRA, 2002). A classificação funcional é realizada por um grupo de diferentes profissionais. Normalmente um médico, um fisioterapeuta e um professor de educação física. A bocha possui algumas características semelhantes às do tênis, principalmente nos aspectos extra quadra, sendo que, assim como ocorre em torneios daquela modalidade, a bocha necessita que o público esteja em silêncio no momento da jogada e que suas comemorações sejam restritas aos membros do grupo ou da equipe, que não estejam jogando naquele momento. A quadra deve ser plana, lisa e regular, de madeira, cimento ou material sintético. São utilizadas 13 bolas: seis azuis, seis vermelhas e uma branca, confeccionadas com fibra sintética expandida e superfície externa de couro. Seu tamanho é menor que o do bocha convencional e o peso é de 280 gramas. O árbitro utiliza para sinalizar ao jogador, no início de um lançamento ou jogada, um indicador de cor vermelho/azul, similar a uma raquete de tênis de mesa. Para medir a distância das bolas coloridas da bola-alvo é utilizada uma trena ou compasso. Para atletas que não conseguem dar à bola uma boa propulsão, pode ser utilizada uma calha, rampa ou canaleta, sem freio ou qualquer outro dispositivo mecânico. O jogador deve ter um contato físico direto com a bola imediatamente antes de fazer um lançamento. O contato físico inclui também o ponteiro ou agulha fixado na cabeça por uma faixa ou capacete. “A aula de Educação Física, além de todos os benefícios que traz à área motora, favorece a construção de uma atitude digna e de respeito próprio por parte da pessoa portadora de necessidades especiais, e a convivência com a sociedade pode provocar a construção de atitudes de solidariedade, de respeito à aceitação sem preconceito” (PYLYPIEC, 1998 p.21). Ao primeiro contato com os alunos, procuramos o maior número de informações, com a própria pessoa e/ou com a família e professores, sobre as condições gerais de saúde, quais os seus hábitos, suas preferências, interesses e sonhos. Enfim, quem é a pessoa que está naquele corpo com deficiência? É importante que o aluno perceba que ele é mais importante do que suas restrições aparentes. É comum, no início, os alunos apresentarem dificuldades de execução nas atividades propostas, mas, naturalmente, com o número de repetições e tentativas, ao seu modo e em suas próprias condições, as pessoas alcançam os objetivos propostos. Sempre ao final de algumas "sessões" da atividade, a alegria e a descontração contagiam o grupo e as pessoas envolvidas, pela liberdade conquistada de simplesmente usufruírem – ainda que por alguns momentos apenas – de um espaço de oportunidades em que desenvolvem habilidades e adquirem performance dentro de seus limites e condições próprias, descobrindo em si mesmos possibilidades até então desconhecidas. Como a inclusão passou a ser um desafio para todos os seguimentos da sociedade, os profissionais da Educação Física, também inseridos nesse contexto, vêm-se diante de uma situação, que até então não era discutida, merecendo atenção. Ravache (2006), afirma que a escolha de uma modalidade esportiva pode depender em grande parte das oportunidades que são oferecidas aos portadores de deficiência física, da sua condição sócioeconômica, das suas limitações e potencialidades, das suas preferências esportivas, facilidade nos meios de locomoção e transporte, de materiais e locais adequados, do estímulo e respaldo familiar, de profissionais preparados para atendê-los, dentre outros fatores”.

4. Resultado e Discussão

O objetivo proposto pelo grupo foi atingido com plenitude e satisfação, onde observamos total interesse por parte dos alunos que participaram e se envolveram com a vivência. Com a finalidade principal de transmitir a luta, a garra, dedicação e a determinação que

pessoas com deficiências enfrentam para vencer obstáculos e adversidades na conquista de seu espaço na sociedade. Vale ressaltar que este é um dos esportes entre tantos, com adaptação possível de proporcionar a inclusão.

5. Considerações Finais

Podemos considerar que a Bocha Adaptada, pode vir a ser incluída no plano de ensino escolar, pois a prática de atividade física e esportes por pessoas com deficiência tem se mostrado mais do que uma opção de vida, mas principalmente, um meio de conscientização da problemática envolvida e vivida por essas pessoas no seu dia a dia.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

CAMPEÃO, M. S. Atividades físicas para pessoas com paralisia cerebral. In: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. Atividades físicas para pessoas com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

_____. Proposta de ensino de bocha para pessoas com paralisia cerebral. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 2003.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor, bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2002

OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves. Bocha adaptada para educação. Revista Educando em Mogi, ano I, n. 5, Mogi das Cruzes, Rio de Janeiro, 1999.

_____. Bocha adaptada: qualidade de vida nos casos de miopatias e esclerose múltipla. Revista Nacional de Reabilitação. ano V, n. 28, São Paulo, 2002.

PYLYPIEC, Carlos. Desenvolvimento motor para velocistas portadores de deficiência leve. Ponta Grossa: UEPG, 1998.

RAVACHE, R. Atletismo para deficiente físico. In: VERÍSSIMO, A. W. Atletismo paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.